

O Rural e as Narrativas da Limitação: Estudo sobre o Romance Brasileiro (1942 e 1964)¹

Prof. Dr. Robson dos Santos² (UFG/FCS)

Resumo:

O texto realiza uma análise do espaço rural no que denominamos *narrativas da limitação*, romances produzidos em um contexto particular da modernização brasileira. As obras discutidas nesta tipologia foram: *Terras do sem fim* (1942), de Jorge Amado; *Filhos do Destino* (1954) e *Chão Bruto* (1955), de Hernani Donato; *Vila dos confins* (1955), de Mário Palmério; e *O coronel e o lobisomem* (1964), de José Cândido de Carvalho. Estas narrativas apresentam o rural como espaço das impossibilidades, da limitação dos indivíduos e marcado, em geral, pela ausência de movimentos de transformação. Nelas o rural se configura como um portador do atraso, como uma espécie de fronteira geográfica para a modernidade capitalista. Ele é, assim, um espaço para todas as formas de limitação, seja em função dos condicionantes do espaço social, ou a partir dos tipos de relação social que a ocupação econômica impõe ao espaço.

Palavras-chave: modernização; espaço, romance; rural.

1 Introdução

A década de 1930 abrigou diversas narrativas ambientadas no espaço rural. Modernismo e realismo são componentes literários que identificam as principais obras daquela década. A década posterior não desembocou necessariamente em uma consolidação absoluta do urbano como espaço de ambientação das narrativas. Contudo, as cidades adquirem uma importância cada vez maior como *lócus* de espacialização no período posterior a 1940. É verdade que o cânone expresso na obra de Guimarães Rosa pode ser associado à radicalização do regional e do rural como tema e espaço, respectivamente, apesar de não poder ser reduzida a tal. De qualquer forma, o período posterior a 1940 tende a ser tomado como momento de inflexão rumo a uma espacialização urbana da narrativa, haja vista, como exemplo, a presença do concretismo como síntese da modernidade urbana que se desenrolava então.

O que interessa a este texto não é simplesmente contrariar uma suposta prevalência do urbano como espaço na história literária pós 1930. Propomos discutir como a apropriação do espaço rural era presente naquele contexto, assim como era marcada por particularidades frente aos debates que também inundavam as ciências sociais, tal como atraso, modernização, tradição e mudança social. Para compreender o tipo de formalização que as narrativas ambientadas no rural elaboraram sobre este espaço e sua condição na estrutura social brasileira, construímos duas *tipologias* de classificação dos romances: *as narrativas da limitação* e *as narrativas da revolução*. O critério para compor tais tipologias não se ancora, de forma alguma, em intentos de crítica e julgamento, mas sim no tipo de relação que o conteúdo da narrativa pressupõe entre o personagem e o espaço rural,

¹ O texto deste trabalho é parte de uma tese de doutorado em sociologia defendida em 2011 na Universidade Estadual de Campinas, intitulada: “A terra desolada: representações do rural no romance brasileiro (1942-1964)” e disponível na biblioteca digital da referida instituição.

² Sociólogo. Professor de Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. E-mail: relvalins@yahoo.com.br.

buscando apontar como os narradores pressupõem um tipo de teoria social entre a paisagem natural, social e a ação. Sob esta orientação, podemos classificar os romances analisados tendo em vista a questão da transformação social. Nas chamadas narrativas da revolução a possibilidade de transformação se adequa às lutas camponesas no campo pela reforma agrária, contra os latifundiários ou pelo socialismo: o rural é espaço de mudança. Já nas narrativas da limitação, a paisagem natural ocupa uma condição de causalidade determinantes, haja vista que as impossibilidades no amor, na política e a violência social se atrelam explicitamente a um ambiente no qual o natural se impõe ao social e os indivíduos tem suas ações e suas subjetividades fortemente marcadas pelo espaço natural. No texto problematizamos a construção de tipologias e apresentamos uma análise dos romances classificados como narrativas da limitação.

2 - Campo literário e estrutura de sentimentos

A construção de tipologias classificatórias das narrativas pode ser melhor compreendida a partir da referência a dois conceitos orientadores desta pesquisa: estrutura de sentimentos e campo literário. Buscamos propor uma articulação destes contextos de forma a subsidiar uma construção tipológica que considere o espaço social do campo como espaço onde a estrutura de pensamentos ganha sentido e ressonância.

A *estrutura de sentimento* visa descrever como as práticas sociais e os hábitos mentais se correlacionam com as formas de produção e de organização sociocultural e econômica, e como estes, por sua vez, estruturam as práticas sociais e iluminam os sentidos que são dados à experiência do vivido (CEVASCO, 2001). A criação cultural é pensada em conexão com a percepção do criador, influenciada por estruturas cognitivas coletivas, em relação aos amplos contextos e desafios que lhe cercam. Neste sentido, *estrutura de sentimento* se refere,

Aos significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente, e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis em relação a vários aspectos, que vão do assentimento formal com dissentimento privado até a interação mais avançada entre crenças interpretadas e selecionadas, e experiências vividas e justificadas (WILLIAMS, 1979, p. 134).

Ela é uma experiência social do artista em seu presente que se encontra em processo e que não é, quando de seu desenvolvimento, considerada social, mas como particular e que, no momento da análise (*ex post*), explicita suas características sociais.

A noção de *estrutura de sentimentos* permite apreender visões e concepções de mundo que orientavam a criação e as formas de concebê-la, sem que existisse necessariamente uma racionalização *apriorística*, ou uma espécie de *rational choice* artística. Segundo Ridenti (2005), o aspecto de experiência viva que o conceito de estrutura de sentimento tenta apreender faz com que essa estrutura nem sempre seja perceptível para os artistas no momento em que a constituem. “Torna-se clara, no entanto, com a passagem do tempo que a consolida – e também ultrapassa, transforma e supera” (RIDENTI, 2005, p. 82)³.

³ Ridenti propõe inclusive uma *estrutura de sentimento* para compreender a cultura brasileira a partir da década de 50, principalmente a partir da ótica das esquerdas, que não deixa de se associar ao *romance do rural como espaço da revolução*. “Talvez se possa falar na criação de uma “estrutura de sentimento” compartilhada por amplos setores de artistas e intelectuais brasileiros a partir do final dos anos de 1950, e de

O sociólogo Pierre Bourdieu desenvolve sua principal pesquisa sobre sociologia da literatura na obra *As Regras da Arte* (2003). Partindo da reconstrução das condições em que se encontrava a criação literária num determinado período, no caso o final do século XIX na França. Aí ele taquigrafa um momento de disputas por autonomização do *campo literário* como espaço social dotado de regras, uma *illusio*, *habitus* e jogos próprios.

A compreensão recai, fundamentalmente, sobre a absorção das condições políticas e sociais feita pelo discurso literário, encampado no seio do campo artístico. O campo possui certa autonomia, que pode ser captada na sua possibilidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas.

Pensar as práticas literárias é, sobretudo, tomar como objeto a investigação das multiplicidades de representações atribuídas a essas práticas. É levar em conta a constituição dos lugares de singularidade e compreender a variedade das disposições culturais e, em consequência, dos modos de criação, mediação e de recepção das obras. Fazer sociologia com o texto literário implica (em Bourdieu), antes de tudo, a compreensão de seu funcionamento social, dos valores e das representações que mobiliza nos atores sociais envolvidos com o trabalho de criação (LEÃO, 2009, pp. 302-303).

A noção de *campo literário* almeja superar as investigações pautadas na oposição entre leitura interna e análise externa, ou objetivismo/subjetivismo, sem perder as aquisições e as exigências dessas duas abordagens tradicionalmente percebidas como irreconciliáveis na teoria da literatura (BOURDIEU, 1996). As escolhas no âmbito da experimentação formal são ao mesmo tempo estéticas e políticas, pois o campo artístico é homólogo ao campo do poder⁴ e as obras de arte internalizam as disputas e conflitos que o permeiam. É nesta homologia que reside, para Bourdieu, a interação entre o singular e a totalidade do social.

Em razão do jogo das homologias entre campo literário e o campo do poder ou campo social em seu conjunto, a maior parte das estratégias literárias é sobredeterminada e muitas das ‘escolhas’ têm dois alvos, são a um só tempo estéticas e políticas, internas e externas (BOURDIEU, 1996, p. 234).

A criação artística é pensada no conjunto das condições sociais que compõe o universo do autor, tanto dentro dos limites específicos de relações do campo literário, quanto dentro das estruturas sociais mais amplas.

A estrutura do campo irá conformar um *habitus*, um discurso específico, distintivo

como ela se transformou ao longo do tempo. (...) Nesse sentido, hoje se pode identificar com clareza uma estrutura de sentimento que perpassou boa parte das obras de arte a partir do fim da década de 1950. Ela poderia ser chamada de diferentes modos – necessariamente limitadores, pois uma denominação sintética dificilmente seria capaz de dar conta da complexidade e da diversidade do fenômeno. Pode-se propor, sem excluir outras possibilidades, que seja chamada de estrutura de sentimento da brasilidade (romântico-) revolucionária” (RIDENTI, 2005, pp. 82 – 83).

⁴ A noção de *campo de poder* talvez seja um dos conceitos mais problemáticos da sociologia de Bourdieu. Ao recusar os termos clássicos da análise marxista, como capitalismo, por exemplo, a noção de campo de poder, como um contexto que engloba os demais campos, assume certa fragilidade e mesmo certa dificuldade de localização. Afinal, onde fica o campo de poder como um campo social? Nesse sentido, preferimos entender os campos sociais como espaços constituídos dentro da lógica de diferenciação e especialização inerentes ao capitalismo periférico.

para seus praticantes e ordenador de uma legitimidade própria (ser autor, literato, poeta). O *habitus* organiza e dá sentido às ações dos agentes literários, ele é ao mesmo tempo uma estrutura estruturante (*modus operandi*) e uma estrutura estruturada, isto é, ao mesmo tempo em que organiza as práticas e as percepções das práticas, é também produto da incorporação da divisão em classes sociais (FACINA, 2004).

O conceito de *habitus* nos parece profícuo para a compreensão das chamadas *estruturas de sentimento*. Se estas se caracterizam pela absorção da “experiência tal como vivida” é preciso ressaltar que esta última possui um “contexto” (intelectual, literário, político etc.) que pode ser oferecido e compreendido a partir do *habitus*. O compartilhamento do *habitus* produz estruturas cognitivas coletivas, uma das características das estruturas de sentimento. Tal como a *estrutura de sentimento*, o *habitus* é uma categoria sociológica que permite apreender os fenômenos sociais relativizando as oposições interno/externo, objetivo/subjetivo, bem como entender que a adoção de uma posição estética e de uma forma de narrar determinado conteúdo deve ser pensada dentro das experiências partilhadas pelos criadores, e é o ambiente cultural, político, social que oferece os elementos comuns da experiência.

A proposta de aproximar os termos fundamentais da sociologia da literatura de Williams e Bourdieu deve ser entendida à luz do objeto desta pesquisa e da forma que se espera entendê-lo⁵. O romance de temática rural se associa à experiência dos autores com o mundo rural e/ou, sobretudo, com a presença do rural nos debates ideológicos e nos rumos assumidos pelo país naquele momento. Isto é filtrado pela forma literária de narrar as problemáticas sociais e que passa a se orientar pelas balizas e códigos construídos e partilhados pelos integrantes do campo literário. Este se constituiu no Brasil com uma forte presença do conteúdo e das temáticas rurais, que permanecem como parte da sociogênese de nossa literatura (ALMEIDA, 1999).

Ao investigar a literatura utilizando o conceito de campo literário e de estrutura de sentimento, busca-se compor uma investigação que anule a idéia de um sujeito criador autônomo, que se mobiliza livremente sem qualquer referencial definido pelas condições sociais e históricas, indiferente às determinações, haja vista que a própria noção de independência é fruto de condições objetivas que a possibilitam. Isso aparece em muitos estudos formais e estéticos do fenômeno literário. Por outro lado, permite ressaltar como o rural é um dos conteúdos sociais que informa tal processo criativo, a partir das apropriações que sofre. Daí emerge a possibilidade de construção de tipologias classificatórias, que visam expressar similaridades, regularidades e semelhanças na forma de narrar o rural. As narrativas da limitação são uma expressão disso.

3 O espaço como agente: o rural como espaço de limitação

A partir das reflexões anteriores, sugerimos na pesquisa por nós desenvolvida a construção de duas tipologias de análise dos romances: narrativas da limitação e narrativas da revolução. Tratamos aqui das primeiras.

Entre as décadas de 1940 e 1960, a mudança social trazida pela transição do mundo

⁵ Passiani (2009) também apontou as possibilidades contidas nessa aproximação: “As sociologias da literatura de Bourdieu e Williams estão apoiadas em dois conceitos fundamentais: *habitus* e *estruturas de sentimento*, respectivamente. E é clara a semelhança entre eles: ambos tentam traduzir uma espécie de consciência prática adquirida pelos agentes sociais a partir de um processo particular de socialização. Para o primeiro, o *habitus* é internalizado na experiência vivida num campo específico; ao passo que, para o segundo, tal consciência é formada no interior dos grupos culturais” (PASSIANI, 2009, p. 285).

rural para o urbano no processo de modernização informa uma estrutura de sentimentos, logo de ideis comuns e compreensões sobre o mundo rural.

Nas obras que enquadramos como narrativa da limitação, o rural surge em uma espécie de inversão do romantismo, apesar de conservar diversas das imagens produzidas por uma estrutura de sentimentos bucólica, que tem sua gênese atrelada às compreensões românticas do mundo social. Em obras como *Chão Bruto*, de Hernani Donato e *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, por exemplo, nota-se a construção de narrativas que associam o rural ao atraso, à violência e à limitação dos indivíduos. Aqui, o mundo das fazendas, dos sertões, a terra, a roça irrompem como *locus* central do atraso a ser superado, ao mesmo tempo, comportam ainda os valores autênticos e bucólicos.

Para empreender a investigação das narrativas da limitação analisa-se os seguintes romances: *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, publicado em 1942, quando as inovações regionalistas já não eram mais “novidade”; *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, publicado em 1956; *Chão Bruto* e *Filhos do Destino*, de Hernani Donato, publicados em 1955 e 1954; e *O coronel e o lobisomem*, de José Candido de Carvalho, publicado em 1964. Estes romances são orientados pela descrição dos processos de desenvolvimento e modernização do mundo rural, em várias instâncias, um discurso comum naquele momento de nossa modernização industrializante. Tais autores não chegam a constituir interações diretas, *face to face*, que configurariam aquilo que Williams (1982) denominou *grupo cultural*, ou mesmo uma fração de intelectuais gravitando ao redor de um projeto estético acordado previamente à constituição das obras. Entretanto, existe entre suas construções semelhanças latentes, o que permite que tomemos as mesmas dentro de um conjunto, pois compartilham visões sobre o mundo rural, e que podem ser apreendidas nas suas afinidades, buscando agrupar uma experiência que, quando produzida, não seguia acordos explícitos, mas que hoje pode ser vislumbrada a partir da sócio-lógica que comporta, e que possuía sentidos e estratégias compartilhadas com outras elaborações.

O conjunto de narrativas enquadrada nesta tipologia produz um mundo rural que espacializa uma temporalidade do atraso, que tende a ser superada pelas “novas” configurações sócio-históricas trazidas pela modernização. Logo, o rural se convertia em cenário do passado e a limitação, das violências e da degeneração moral, posição que inverte substancialmente muitas das formas românticas e romantizadas.

3.1 O espaço rural dos romances

A narrativa de *Terras do sem fim*, romance de Jorge Amado publicado em 1942, ambienta os personagens em um espaço de agressões e limitações, motivadas ou relacionadas com as disputas pela apropriação de terras para a produção do cacau, que sofre no tempo da narrativa uma enorme valorização. O elemento humano vai aos poucos sendo limitado pelo espaço.

Aqui eram as noites da mata, do temporal e das cobras. Noites para chorar sobre o destino desgraçado. Crepúsculos que apertavam o coração, tiravam toda a esperança. Esperança de que? Tudo era tão definitivo...

(...) De Paris, Lúcia escrevia, contava bailes na embaixada, óperas e concertos. Na casa-grande da fazenda, o piano de cauda esperava um afinador que nunca viera (AMADO, 1999, p. 53).

A obra está dividida em seis partes: a *terra adubada com sangue*, a *mata*, *gestação das cidades*, o *mar*, a *luta* e o *progresso*. Cada uma registra a composição da violência que brutalizava trabalhadores e mobilizava as ganâncias dos proprietários, forjando a geografia

de um mundo rural tenebroso. Em todas as partes, o personagem central é, de fato, o cacau. A aventura constitutiva de um capitalismo destruidor que ele fomenta emoldura a descrição. O texto não é absolutamente linear, mas busca registrar os passos decisivos na empreitada de exploração da terra. Aos olhos dos apostadores naquelas terras os fins justificam os meios. São empreendedores motivados pelo enriquecimento. O “progresso” que surge na história não representa ato de vontade ou um projeto, mas apenas um efeito do acúmulo possibilitado pelo cultivo da planta.

A obra de Hernani Donato trata das formas de ocupação da terra, da ampliação das fronteiras agrárias e econômicas, das lutas do elemento social contra a natureza e do elemento humano contra as limitações do espaço e das violências. Seus romances buscam compreender como o humano recorre às práticas agressivas para “domesticar” o ambiente natural e como essas próprias práticas se convertem nos limites da existência humana. O espaço rural na narrativa oferece um duplo efeito de limitação: em princípio se resume ao mundo natural, que por todos os lados seduz e limita; na sequência, após a ocupação humana, vê surgir formas sociais de limitação, de constrição dos sujeitos e redução do horizonte de possibilidades. O impulso econômico, por um lado, é o que motiva os homens nas aventuras de modelagem deste espaço aos ditames da economia. Por outro, a fuga da miséria que se abate sobre os trabalhadores também comparece como causalidade das ações.

Em *Chão Bruto*, publicado no final da década de 1950, pinta os processos de mudança impostos ao rural a partir da chegada da ferrovia e dos interesses que mobiliza como signo do acúmulo e da expansão capitalista. Em *Filhos do Destino*, romance anterior, a narrativa evoca a composição de uma “civilização”, o processo de metamorfose da exploração do trabalho escravo para o livre, a emergência de uma sociedade produzida a partir de fragmentos de nacionalidades distintas ocorrem ao país e orbitam ao redor da cultura cafeeira.

Os dois romances acompanham, em síntese, a chegada dos imigrantes para o cultivo do café e as lutas pela terra no oeste do Estado de São Paulo. Eles constituem uma sequência narrativa sobre a ocupação cafeeira do território em momentos distintos. As obras também lançam um olhar acerca da ampliação da exploração econômica, que dissolve tradições, a calma, o bucólico do rural/natureza e o substitui pela busca desenfreada do lucro, pelo desejo de enriquecer para alguns e pela perseguição de uma “vida melhor” para outros. A busca incessante por riquezas e a violência integram os elementos comuns às narrativas. Esta última, inclusive, estrutura as interações individuais e coletivas no mundo rural.

Obras inscritas nas dinâmicas da década de 1950, elas devem ser lidas também a partir dos projetos e destinos atribuídos ao mundo rural pelos projetos desenvolvimentistas e interpretações dominantes. A ocupação do vasto interior do país assume uma importância basililar neste contexto. O ápice modernizador teve seu emblema na transferência do centro político e administrativo do país do litoral para o interior. Ambos os romances tratam de processos de ampliação das fronteiras, de confronto com o ambiente e de domesticação da natureza para fins econômicos. O desenvolvimento e o progresso, com suas evidentes dialéticas, surgem como discursos que estruturam estas construções literárias.

O conceito de civilização é amplo e complexo (ELIAS, 2004), mas aqui cabe evocá-lo também como baliza para compreender seu contraponto necessário: a ausência de civilização, isto é, de instituições e práticas a ela ligadas. Tal ausência caracteriza diversos espaços e tempos, onde as normas, valores e *costumes* associados ao mundo civilizado não se realizam. A civilização é compreendida como uma mancha que se estende e vai se confrontando, tanto para ir tomando e caracterizando os espaços incivilizados, quanto por

eles sendo derrotada. Está é uma imagem comum nas narrativas sobre a tomada do interior, do rural, do sertão pelo litoral, isto é, pelas culturas urbanas (LIMA, 1999).

A crença era que o progresso tinha como efeito a civilização, isso não quer dizer que ele seja feito sob os métodos “civilizados”: “não agrada, é certo, mas o progresso cobra seu preço onde ergue morada” (DONATO, 1977, p. 136). Assim, paradoxalmente, em muitos casos é a barbárie que deve conduzir o processo. A civilização, principalmente nos espaços rurais, só encontra entraves. *Chão Bruto*, pode ser lido como uma alegoria deste processo, dos confrontos entre a *civilização* e a *barbárie*, da permanência do atraso, da *limitação* das ações e da opressão que caracterizam um mundo rural incivilizado.

A literatura constitui um ofício que, muitas vezes, permite aos seus praticantes acumular um capital social passível de ser investido em outros campos, dado o poder de consagração e reconhecimento que desfruta em diferentes espaços sociais. São comuns os romancistas, poetas e intelectuais que, após um acúmulo de reconhecimento como *autores*, se dedicam a carreiras distintas, sobretudo a política (BOURDIEU, 1996). A condição inversa parece ser menos comum, o que denota certo efeito restrito do capital social acumulado no campo político, seus efeitos são mais delimitados ao local de origem. Mário Palmério foi político antes de se tornar romancista. Sua trajetória nos campos de poder tem uma presença importante na obra. Basta lembrar que *Vila dos Confins*, seu primeiro romance, nasce como um relatório que o então deputado fez sobre as eleições no interior de Minas.

A condição de político-literato oferece uma posição peculiar à obra de Palmério. Seu intento é conferir um efeito político aos seus textos, ao passo que insiste em alertar que converte em literatura espaço e fatos *reais*, como o indicam o prefácio de *Vila dos Confins* e a inspiração histórica que conduz a escrita de *Chapadão do Bugre*. Sua redação persegue uma taquigrafia dos modos de falar, das crenças, práticas, violências e valores dos sujeitos que habitam o rural. Este se estende do *sertão* indômito ao mundo das fazendas de gado e suas pequenas vilas. Nestas fronteiras os dominados palmilham a miséria áspera e tem sua utilidade e valor inflacionado somente nos tempos de legitimação eleitoral, ou como força bruta para o trabalho e a violência.

As práticas políticas que comumente são associadas ao rural/sertão são definidas habitualmente pela violência, pelo coronelismo, pelo voto de cabresto, pelo curral eleitoral etc. Estas palavras-chave persistem na gramática política e acabam reafirmando o rural como espaço do atraso e da restrição, perspectiva que informa frequentemente os romances que definimos como *narrativas da limitação*. As práticas e instituições da modernidade se apresentam tendo a vida citadina como berço, logo, a democracia formal, as eleições diretas, os movimentos sociais, as ideologias políticas e outras instituições constituem ternos mal ajustados aos rígidos contornos do corpo social que se desenrola no mundo rural. Esta é uma representação e uma interpretação bastante forte no pensamento social brasileiro, sobretudo aquele que se debruçou sobre o rural (GARCIA JR; GRZYNSZPAN, 2002; QUEIROZ, 1978). As construções literárias compartilham muitas vezes esta lógica de compreensão, apesar das distintas formas de representação do fenômeno.

A narrativa de Mario Palmério acompanha o primeiro processo eleitoral para prefeito da Vila dos Confins, um novo município do interior de Minas Gerais, que implanta o processo eleitoral no início da década de 1950. O personagem central da trama é o deputado federal Paulo Santos, um político de origem rural e que prosperou no campo do poder a partir de sua base no sertão. Apesar desta vinculação, ele guarda pretensões de alterar algumas das práticas e poderes tradicionais naquele espaço.

Visando ampliar a presença de seu partido, a *União Cívica*, no interior do Estado, Paulo chega com a missão de mobilizar os correligionários políticos e garantir a eleição de

João Soares, seu apoiado para prefeito. O realismo político, isto é, a necessidade de estabelecer acordos com as práticas consolidadas acaba orientando a campanha narrada. Para manter alguma chance de vitória, somente a adoção das regras da política local poderia ser eficiente, mesmo que Paulo se projete como um político *modernizador*. Neste sentido, a maior parte da narrativa acompanha suas andanças pelo sertão para a composição de acordos com os fazendeiros e proprietários da região. A eleição que se faz na Vila dos Confins não se trata de um confronto polarizado entre as formas tradicionais e modernas do fazer político, mas sim das formas diferentes de mobilizar os poderes locais na execução da política partidária. Afinal, tratava-se de um espaço incivilizado que tomava os contatos iniciais com práticas estranhas, como o voto, a disputa eleitoral e a justiça. O próprio ritual eleitoral aparece naquele espaço como algo em descompasso com as formas culturais compartilhadas pelos indivíduos.

Cabo de enxada engrossa as mãos – e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado de foice também. Caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais. É marcar bezerro, é curar bicheira, é rachar pau de cerca, é esticar arame farpado; roçar inverno, arar chão, capinar, colher... E quem perdeu tempo com leitura e escrita, em menino, acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu. Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título de eleitor rende a estima do patrão, a gente vira pessoa (PALMÉRIO, 1997, p. 69).

As formas literárias de registrar a limitação não surgem apenas por meio da construção de ambientes violentos, sombrios e niilistas. A ironia e mesmo o humor também são mobilizados na representação do rural como espaço da limitação. Neste sentido, podemos vislumbrar o já clássico *O coronel e o lobisomem* (publicado em 1964), de José Cândido de Carvalho.

Por causa de taxas e dízimos fui obrigado a voltar ao Sobradinho. Já não era sem tempo. As educações da cidade não comportavam mais o coronel do mato que eu era. Meus berros de pastos varavam longe, metiam medo. Ponciano de Azeredo Furtado exagerava tudo (CARVALHO, 1987, p. 290).

O personagem central da narrativa é o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, que descende de uma família de proprietários do norte fluminense. Após a morte de seu avô, ele herda muitas terras, mas não tem qualquer preparo para isso, pois queimou sua existência até “trinta e poucos anos” na farra e vida mansa. O que ele sabe é exercer o mando. É por meio deste personagem e da descrição de sua incapacidade de se integrar aos espaços sociais, que a obra vai apontando os efeitos do processo de transição do mundo rural para o urbano vivido por Ponciano. O que se revela é a decadência de um representante tardio de uma aristocracia rural do norte fluminense. Isto ocorre efetivamente após o personagem principal tentar se integrar ao mundo urbano, do qual volta fracassado e falido, já que foi incapaz de se adequar, em função de seus “caracteres rurais”.

Conclusão

Os romances de temática rural devem ser apreendidos em sentidos muito mais amplos do que apenas aqueles referidos à sua mera existência, isto é, não basta constatá-los com fins de resgate e registro da memória cultural do país. Eles disponibilizam representações do pensamento sobre o mundo rural e a sociedade, produzidas por agentes imbuídos de orientações distintas acerca da cultura e da política. Isto redundou na construção de formalizações estéticas alternadas de um mundo social em transformação.

As obras constroem rurais que se referem de maneiras diversas à realidade social. São, antes de tudo, realidades do pensamento, frutos de interpretações e projetos que os agentes letrados e urbanos, sobretudo, produziam sobre o amplo mundo rural brasileiro num cenário marcado pelas tensões da modernização. Por isso, mais relevante do que auditar se as tramas analisadas taquigrafam a realidade concreta do mundo rural brasileiro, entre as décadas de 1945 e 1964, é entender que elas produzem e reproduzem imagens, representações, tipos e mitos sobre o mundo social. Estes tem menor ou maior efeito de projeção para além dos círculos literários, em função da inserção que a obra tem em outros campos sociais e do próprio prestígio de seu autor. Além disso, a própria importância que a temática rural ocupava no cenário político e cultural concorria para amplificar sua presença nas criações romanescas.

As *narrativas da limitação* descrevem um rural opressivo, autoritário e dotado de poucas possibilidades de alteração, onde a violência se impõe como *modus operandi* dominante nas interações entre os agentes e na manutenção da estrutura social. Estes romances possuem oscilações formais, mas confluem para a representação de um mundo lançado em uma temporalidade deslocada no interior da precária modernização que se experimentava naquele curto e denso período relativamente democrático. O rural da limitação denuncia o atraso, critica a exploração, mas muitas vezes celebra os dividendos trazidos pela “civilização urbana”. Disto conclui-se que a classificação tipológica possibilitou apreender mais abaladamente estas singularidades e pode ser útil para a análise de outras produções literárias e culturais que enfrentaram momentos similares de esgarçamento das contradições da modernização, da dinâmica entre campo e cidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, José Mauricio Gomes. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. TopBooks, 1999.

AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Martins Fontes, 1975 (originalmente em 1946).

_____. *Terras do sem fim*. 64ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999 (originalmente em 1946).

BARROSO, Maria Alice. *Os Possiões*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986 (originalmente em 1955).

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *As Regras da Arte – gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Ed. Companhia da Letras, 1996.

_____. *Razões Práticas – sobre a teoria da ação*. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.

BRITTO, Clovis Carvalho & SANTOS, Robson dos. *Escrita e Sociedade – estudos de sociologia da literatura*. Goiânia: EDUCG, 2008.

CALLADO, Antonio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

- CARVALHO**, João Candido de. *O Coronel e o lobisomem*. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1987.
- CEVASCO**, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.
- DIMAS**, Antonio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1985.
- DONATO**, Hernani. *Chão Bruto*. São Paulo: Hucitec, 1977 (original de 1956)
_____. *Filhos do destino*. São Paulo: Círculo do Livro: 1980. (original de 1958).
- ELIAS**, Norbert. *O Processo Civilizador*. (2v). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1990-1993.
- FACINA**, Adriana. *Literatura & Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- FISCHER**, Luiz. *Literatura brasileira: modos de usar*. São Paulo: L&PM, 2007.
- GARCIA JR**, Afrânio; **GRYNSZPAN**, Mario. *Veredas da questão agrária e enigmas do Grande Sertão*. In: **MICELI**, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*, vol IV. São Paulo: Editora Sumaré, 2002.
- JULIÃO**, Francisco. *Irmão Joazeiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- LEAL**, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. 3ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- LIMA**, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil – intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999.
- MICELI**, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001a.
- PALMÉRIO**, Mario. *Vila dos confins*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997 (originalmente em 1956).
_____. *Chapadão do Bugre*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1965.
- PASSIANI**, Enio. *Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams*. In: *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- RIDENTI**, Marcelo. *Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960*. *Tempo Soc.*, jun. 2005, vol.17, no.1, p.81-110.
- ROSA**, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (originalmente em 1956).
- SANTOS**, Robson dos. *Literatura em fragmentos: política, cultura e sociedade nas crônicas Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campinas: IFCH, 2006.
- WEBER**, Max. *Metodologia das Ciências Sociais* (2 vol.). São Paulo: Cortez; Campinas: EDUNICAMP, 2001.
- WILLIAMS**, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
_____. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
_____. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.